

ROSANA RIOS

a viola enluarada de Zequinha Piriri

e outras histórias inacreditáveis

ilustrações

Ricardo Azevedo

DÍALOGQ



editora scipione

Gerência editorial
Sâmia Rios

Assistência editorial
Dulce Seabra

Preparação
Maysa Monção Gabrielli

Revisão
Dráusio de Paula, Cesar G. Sacramento,
Fernanda Bottalho e Thiago Barbalho

Diagramação
Fabio Cavalcante

Programação visual de capa e miolo
Rex Design



editora scipione

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400
6º andar e andar intermediário Ala B
Freguesia do Ó
CEP 02909-900 – São Paulo – SP

DIVULGAÇÃO
Tel.: 0800-161700
CAIXA POSTAL 007

VENDAS
Tel.: (0XX11) 3990-1788
www.scipione.com.br
e-mail: scipione@scipione.com.br

2011

ISBN 978-85-262-8343-5 – AL
ISBN 978-85-262-8344-2 – PR

Cód. do livro CL: 737972

3.ª EDIÇÃO
1.ª impressão

Impressão e acabamento



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Conforme a nova ortografia da língua portuguesa.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rios, Rosana

A viola enluarada de Zequinha Piriri e outras histórias inacreditáveis / Rosana Rios. – São Paulo: Scipione, 1997. (Série Diálogo)

1. Literatura infantojuvenil I. Título. II. Série.

97-1466

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

*Ao meu avô Toninho e minha avó
Noêmia (in memoriam), por todas as
histórias interioranas que eles me
contaram.*

SUMÁRIO

PARTE I

O estranho mas verdadeiro caso da viola enluarada de Zequinha Piriri	6
1. Do nascimento e crescimento do dito-cujo	8
2. De aprendiz de peão a ajudante de venda	9
3. Do finado tio e da viagem pra Seilaonde	13
4. Da herança e do encantamento	16
5. Do enluaramento de viola e violeiro	18
6. Da fama e da festaça nas Oitavas	19
7. Da tristeza e enfezamento do violeiro	24
8. O que é do <i>home</i> , bicho não come	26

PARTE II

O estranho mas verdadeiro caso dos

borzeguins de Toniquinho Bem-Bom 28

1. Dos três filhos de Antônio do Brejo 30

2. Dos resmungos de uma sogra por
mor do futuro genro 32

3. Nhô Quim e os chás-de-sarar-qualquer-coisa 35

4. Do *cometimento* de Nica em noite escura
de Lua Nova 40

5. Borzeguim enfeitado, cavaleiro apressado 44

6. Tempo de colheita, tempo de casório 46

7. Da cisma da noiva e do sumiço do noivo 48

8. Só carece de não *garrar* costume! 50

PARTE III

O estranho mas verdadeiro caso das

pescarias de Chico Linhada 52

1. Dos filhos e dos *pesqueiros* de seu Bié da Granja ... 54

2. Da fama de contador de *causos* de Chico Linhada ... 56

3. A pescaria que começou bem e terminou mal 59

4. Preso pelo povo do fundo-do-rio 62

5. Do encontro com a Mãe-D'água, a Cobra Grande ... 67

6. Um jeito de escapar duma sina ingrata 69

7. Sete noites dum *causo* sem fim 72

8. Mentiroso que se preza não conta verdade! 74

Glossário 77

PARTE I

**O estranho mas
verdadeiro *causo*
da viola enluarada
de Zequinha Piriri**



Fazia já um tempão que o menino olhava curioso pra violinha pendurada num prego da parede. O velho levantou-se do canto onde picava fumo e percebeu o olhar.

– Gosta de viola, moleque?

Meio sem jeito, o menino riscou o chão de terra batida com o pé descalço. Mas não descravou os olhos da viola.

– É bonita... Nhô sabe tocar?

– Mal e mal – resmungou o velho. – Ande, pare de esgravatar o chão. Pode pegar nela.

Era lisinha, brilhante. O menino passou as mãos na madeira polida e sentiu a vibração das toeiras.

– É difícil de tocar?

– Depende do tocador. Tem gente que demora um ano pra tirar um mi. Tem outros... Já ouviu contar o caso do Zequinha Piriri?

– Não...

– Então se abanque pra ouvir. Faz tempo, faz um bocado de tempo que não conto esse caso por aqui...

Do nascimento e crescimento do dito-cujo

A mãe já tinha desmamado a criança, quando o pai foi *té* a cidade registrar. Todo orgulhoso do filho, botou o nome mais comprido que conseguiu falar pro escrivão do cartório de Deusmelivre.

– José Barbosinha dos Anjos Austregésilo Antônio. Eta nomão!

Nome de gente importante, era o que parecia. Mas qual!

O menino não cresceu como mandava o nome. Pegou tudo que é doença que criança tem – mas pegou dobrado. Catapora, sarampo, tosse comprida, não escapou de nada e *inda* tinha facilidade de resfriar com qualquer ventinho. Antes de ir pra escola já tinha a fama de carregar *urucubaca*.

Mas de vez em quando o povo se engana. Zequinha vingou e cresceu, aprendeu a trabalhar no sítio do pai e tudo. Só não conseguia era se livrar do azar.

Lá em Deusmelivre todo mundo tinha apelido. E Zequinha não ia escapar de ganhar um. Foi depois que o pai e a mãe morreram, e que o rapaz começou a cuidar da roça sozinho, que as moitas de *piriri* deram de invadir o milharal. Zequinha não dava conta de *carpir* o mato, mesmo com um ou outro ajudando. *Cabou* desistindo do esforço e procurando trabalho na cidade. Deixou a casa e as galinhas no cuidado de Nhá Maruca, velha tia, e tocou pra Deusmelivre, *mor de* arrumar serviço enquanto não se animava a pegar no roçado.

Serviço sempre arrumou. Pena que o capim e o piriri aproveitaram a falta de enxada e se enfiaram roça adentro, acabando com todo o *amanho* de terra.

O rapaz não demorou pra ser conhecido como Zequinha do Sítio do Piriri ou Zequinha Piriri.

2

De aprendiz de peão a ajudante de venda

Zequinha Piriri não era *perna-mole*, tinha o corpo *alentado* e dava duro.

Foi carregador de saca de café, aprendiz de *carapina*, ajudante de *boieiro*. Mas saca que *aboletava* no ombro rasgava,